



Documento padrão para submissão de trabalhos ao XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

Narrativas jornalísticas e espaço urbano.

Augusto de Guimaraens Cavalcanti, bolsista do CNPQ, aluno de graduação em jornalismo pela PUC-Rio, Fernando Resende (orientador).

Resumo

Este trabalho busca criar uma base teórica para estudar as narrativas policiais na cidade do Rio de Janeiro presentes no Jornal do Brasil do início até a metade do século XX. Para essa proposta, a pesquisa procura traçar um diálogo entre o jornalismo e o espaço público, da visão da cidade presente em certos poetas, além da análise histórica do jornalismo no Brasil. Os resultados que a investigação inicial da pesquisa chega é a constatação que no período das narrativas estudadas havia uma popularização da literatura e uma ausência de uma técnica jornalística instituída que permitia aos escritores escreverem nesses jornais e tornarem suas narrativas mais investigativas, ricas e complexas, que contribuem para pensar o jornalista dessa época como um detetive do espaço urbano, alguém sempre atento às suas narrativas.

Palavras-chave

Narrativas de jornal; cotidiano; espaço urbano.

Corpo do trabalho

Na tentativa de transformar o agora em algo maior, o tempo em relógio, a sensação em relato, o mistério em norma, as narrativas criam o mundo. Inventam sociabilidades e criam um cotidiano. Sejam fragmentadas ou lineares, orais ou documentadas, jornalísticas ou literárias, as narrativas lidam ou tentam lidar com as incompreensibilidades da natureza ou da própria vida imprevisível. Pensando assim, a comunicação como instância de produção de sentido, instalada nesse contexto racional, constrói narrativas cuja proposta é organizar o (caos no) mundo, ou então explicitar a sua desordem. As narrativas jornalísticas criam um esquema para tentar organizar o que



de importante acontece no real, o que acontece, por exemplo, nos meios urbanos. Nas narrativas de jornal, a cidade pode ser entendida como uma forma de representação de um imaginário, memória da cidade construída através dos meios de comunicação.

Nos jornais, os relatos são matéria-prima. É através deles que seu produto final será construído. O jornal como dispositivo do cotidiano, será então um dos que dirão e hierarquizarão o que de importante acontece no agora, ou qual parte do real é mais real dentro das cidades urbanizadas. A importância do jornal se dá na Pólis, lugar de inúmeros relatos que primam por comunicação. Como mostra *Ciro Marcondes Filho*¹, o jornal, por ser um dos produtos da Revolução Francesa e ter sido criado em um contexto burguês, muito contribuiu para a propagação de ideais liberais iluministas e ascensão da classe burguesa. Os jornais surgem nos grandes centros urbanos e será um de seus interlocutores. Divulgará notícias e acompanhará seu crescimento. As narrativas jornalísticas e as cidades estão em diálogo contínuo.

Em sua história, Revolução Industrial e jornalismo andaram juntos, já que esta proporcionou o advento de novos meios que permitissem a publicação em auto-escala do jornal. O jornalismo, portanto, começa a se propagar com a ascensão burguesa e decadência feudal.²

Para Marcondes Filho, o jornalismo é “filho legítimo da Revolução Francesa e do direito à informação”. Ele caminha de braços dados com a modernidade:

A história do jornalismo reflete de forma bastante próxima a própria aventura da modernidade(...) O jornalismo é a síntese do espírito moderno: (a razão, a verdade, a transparência), impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo da espécie. (2000:9)

No jornalismo todas as mensagens são mediadas, isso é, passam por um processo de emissão e recepção, até produzir um conteúdo. Para Fernando Resende³ essas mediações são ainda pouco estudadas. Os estudos de jornalismo têm se centrado

¹ MARCONDES FILHO, *Ciro*. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000: 10

² Trabalho apresentado na Jornada de Iniciação Científica em Comunicação – Intercom Júnior.

³ RESENDE, Fernando. *O olhar às avessas- a lógica do texto jornalístico*. São Paulo: ECA/ USP, 2002. (tese de doutoramento).



muito mais no estudo dos meios, e do conteúdo da mensagem, do que em sua enunciação e no estudo de suas narrativas. Para o autor, esta é uma afirmação um tanto quanto estranha, já que a narrativa é, “o real objeto/produto do trabalho jornalístico”. Nesse sentido Resende propõe que se olhe para as mediações e a tessitura do processo todo da enunciação, que se construa um “olhar menos voltado ao conteúdo da mensagem e por isso mesmo, mais atento à tessitura do texto propriamente dito, ou ainda, aos interstícios da narrativa jornalística” (2000: 48). Assim, a preocupação com a enunciação acompanha a tentativa de se olhar para um tipo de jornalismo cuja narrativa seja mais plural.

Partindo do ponto do diálogo como mediação, segundo afirma Resende, o desafio passa a ser transformar a descrição burocrática dos acontecimentos em uma narração viva, onde ação, emoção e reflexão se completem, em um diálogo cada vez mais intenso. Para isso a narrativa deve ter mais de uma voz no texto. Caso o contrário, segundo o autor, as narrativas jornalísticas tornam-se produto de “um só ator produzindo relatos, monológicos, que insistem em fazer crer que a verdade apresenta-se colada à palavra; não há significante, tudo é significado”. (20002: 37)

Não seria então um jornalismo mais plural aquele que se pretende informativo e comunicativo, objetivo e subjetivo, um jornalismo que englobe em seu discurso um narrar a partir do que é experienciado, que dialogue intensamente com os traçados urbanos? Não seria assim um jornal que se deixe contaminar pelas ruas e que nelas também construa um rastro, uma maneira muito mais interessante de diálogo entre os dois meios? Nesse sentido, ao que parece, o meio urbano e o meio midiático se aproximam. Na cidade tudo pulsa enquanto os jornais noticiam. Os jornais fazem parte do histórico do traçado urbano da cidade e nela se insere. O jornal traz representações da cidade. A cidade pode ser entendida como o próprio texto a ser lido no jornal.

Para ler esse texto, passa a ser necessário que o espectador busque um distanciamento crítico na cidade. Assim como afirma Massimo Canevacci ⁴, o sujeito que quer se comunicar dentro do espaço urbano deve antes de tudo se afastar da “irrepresentabilidade simbólica da cidade para o turista comum.” Para isso, deve refinar

⁴ CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica*. São Paulo, Studio Nobel, 1993.



o olhar urbano através do distanciamento, ser estrangeiro atento à tessitura das narrativas e às vozes da rua:

Estou convencido de que é possível elaborar uma metodologia de comunicação urbana mais ou menos precisa, com a seguinte condição: a de querer perder-se, de ter prazer nisso, de aceitar ser estrangeiro, desenraizado e isolado (...)Torna-se necessário adotar justamente esta perspectiva oblíqua e polifônica: estranhar toda a familiaridade possível com a cidade e, ao mesmo tempo, familiarizar-se com suas múltiplas diferenças. (1993:30)

Neste contexto, o poeta Baudelaire pode ser visto como um revolucionário em seu tempo, já que através da criação do personagem *flaneur* no livro “Flores do mal”, ele começa a explorar tal tema da vertigem da rua e seu universo rico dentro da literatura. Para isso, o *flaneur* é aquele que sai às ruas para ver o máximo da cidade, para se deixar tocar o máximo por ela e então construir uma impressão. Seu olhar na paisagem, contudo, é desenraizado, possui um apetite insaciável que não se fixa em nada, mas só potencializa seu olhar. A cidade é seu objeto de desejo, explorando assim a linguagem coloquial de seus passantes e sua cultura oral. Seus poemas podem ser vistos como “reportagens poéticas” que podem funcionar como pretexto para o objeto de estudo desta pesquisa, que são as narrativas policiais da cidade. Assim, a *Pólis* é aqui entendida como espaço de conflito e a rua, o grande espaço de análise do mundo.

A cidade é um abismo de realidades, *velocidade* em que o novo sempre rompe com o que aconteceu segundos atrás. Lente de aumento para o real, museu de grandes novidades. A cidade é eletricidade e as narrativas o seu fio condutor. A rua então é o lugar dos ruídos, choques culturais e hierarquias, janela para o grande mundo. Como explica Fernando Resende, a cidade é cidade “porque pulsa, não necessariamente porque se faz ordenada, mas porque o caos que a ela pertence torna-se elemento que contribui para que ela se redesenhe todo dia” (2003:1)⁵. Portanto, é no mínimo curioso que as narrativas de jornal, muitas vezes, tratem o traçado urbano através de uma narrativa cuja lógica é a da limpeza, da objetividade, da organização, da não adjetivação, da privação. Aqui, é bom lembrar que a rua, potencialidade pulsante pouco aparece nos jornais que segue uma lógica moderna e funcionalista. Nesse sentido dá-se o choque entre o pulsante e o organizado, choque também constitutivo da própria

⁵ RESENDE, Fernando. *Cidade, Comunicação e cultura*. Rio de Janeiro, Revista Logos (número 22), 20005: 1.



lógica da cidade. Esse é um dos aspectos que une as narrativas jornalísticas com a cidade.

O espaço urbano como lugar de conflito entre culturas e posições sociais, propomos pensar as narrativas policiais inseridas neste contexto; olhar para as narrativas jornalísticas que abordam as ruas da cidade do Rio de Janeiro, em um período no qual se instalam aspectos relevantes da modernidade. Olhar o traçado urbano e as narrativas, pensar como tais narrativas tomam a cidade como pano de fundo e fazem com que esta passe a desempenhar o papel de palco, de lugar de encenação.

Nesse palco, Resende (2005) defende a valorização do espaço urbano como multiplicidade de vozes, o espaço público como lugar de fratura e a comunicação como lugar de representação desses ruídos, ruídos que são vistos como sujeira pela ótica moderna. A rua, que também é vista como lugar caótico e desordenado, passa a ser o lugar de conflito ideal para o jornalismo que quer colocar em questão o seu caráter iluminista implementado no Brasil, principalmente a partir da década de 50.

O processo de modernização sofrido pela cidade do Rio de Janeiro, sua urbanização promovida pelo prefeito Pereira Passos durante a Belle Époque, com a construção de grandes avenidas data da primeira metade do século XX. Esse processo se centrava na crença de que a criação de uma cidade planejada pudesse resolver ou amenizar o caos do espaço urbano. Tomado por esta crença de seria possível uma limpeza, o maior arquiteto da época, o francês Le Corbusier, escreve em 1929 um manifesto em que afirmava: “Precisamos matar a rua!”. Nesse período, pode-se observar que as narrativas de jornais acompanharam, não necessária e nem instantaneamente, as mudanças urbanas. O que a pesquisa mostra, é que, até os anos 50, as reformas do espaço público ainda não interferiam diretamente nas narrativas. Já que, assim como o projeto moderno começou a produzir uma “cidade partida”⁶, através da remoção de populações, tal hierarquização só veio a ocorrer no Brasil mais precisamente quando se adota o modelo norte americano de objetividade. Os jornais que pertencentes a essa época, um momento que antecede a chegada de parâmetros racionalistas norte americanos, como os mitos da objetividade e da transparência,

⁶ APUD.GOMES, Renato Cordeiro. Comunicação, *representações e práticas sociais*/ Pereira & Gomes & Follan (orgs)- Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Idéias & Letras, 2004: 205.



formam uma época muito rica de subjetividades e vozes para se estudar o jornalismo.⁷

(*)

O processo de hierarquização do espaço público, trabalhado pelo jornalista Zuenir Ventura, ao criar o termo “cidade partida”, explicita os problemas e as intenções de tal prática que não tentava ordenar o caos, mas sim apagá-lo, como se isso fosse possível, contribuindo para que a cidade se dividisse em espaços segmentados e hierarquizados (zona sul/norte/oeste), no qual as zonas mais favorecidas economicamente, também ganham certa prioridade de cobertura pelos jornais ao longo do tempo. Nesse sentido, o caráter marginalizante da mídia moderna pode ser pensado junto com a cidade, ela também sofre lógica parecida ao escolher e abordar temas, tornando-se ela própria uma mídia partida reitera a segmentação do espaço urbano.

A crítica que se faz aqui se refere não ao modernismo em geral, mas a um certo tipo de modernismo que queria destruir uma tradição, este que desejava romper com a memória em nome do progresso. O Manifesto futurista, por exemplo, declarava aos seus adeptos: “Peguem suas picaretas, seus machados, seus martelos e ponham abaixo as veneráveis cidades, impiedosamente! Vamos! Ateiem fogo nas estantes das bibliotecas! Desviem os canais de irrigação para inundar os museus!”⁸. Idéias, que, de acordo com Berman, colocavam todas as tradições da humanidade atiradas no mesmo saco, tornando iguais qualquer tipo de tradição sem diferenciá-las em importância..

Para Berman (1986) a tendência atual de volta ao espaço público, além de dialogar com uma luta pelo material em um universo cada vez mais virtual, de internet, mídia e representações, fala também sobre um pensamento moderno de lidar com um mundo potencial em que “tudo que é sólido desmancha no ar”:

A aspiração contemporânea por uma cidade que seja abertamente turbulenta mas intensamente viva corresponde à aspiração de voltar a expor feridas antigas, mas especificamente modernas. È a aspiração de conviver abertamente com o caráter dividido e irreconciliável de nossas vidas. (1986: 165)

⁷ (*) A fase de análise das narrativas ainda está em seu processo inicial de planejamento teórico, mas já apresenta os indícios apresentados nesse texto.

⁸ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar- A aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986: 24.



Nesse sentido, a valorização do espaço público parece significar a retomada da vida em estado de pulsação. A volta ao espaço público que Berman observa em tempos atuais, pode ser observada com a recuperação que já estava presente nesse jornalismo, que cobre a primeira metade do século XX. Teríamos, nesse jornalismo que cobre a primeira metade do século XX, um cotidiano narrado em estado de pulsação? Como se desenvolve a imprensa desde então? A recuperação histórica de uma narrativa jornalística daquele período parece fundamental para que possamos contribuir para a reinvenção do passado do jornalismo no Brasil.⁹(*)

Cotidiano no Jornal-

Sabendo que no jornalismo o cotidiano é fundamental, a própria história da imprensa e o cotidiano moderno são interligados. Os jornais nascem nas grandes cidades e lá se desenvolvem. O jornal muitas vezes delimita a esfera do desvio reiterando os valores de uma sociedade dominante, ele dita o que é legítimo ou ilegítimo, o que é normal ou anormal em cada sociedade. Já que para enquadrar o mundo em suas páginas, seu pano de fundo é quase sempre a construção do cotidiano. Através de histórias do banal e cotidiano é que o jornal ganha corpo.

Assim, histórias e relatos são constitutivas do fato reportado, não há fato, sem que as histórias sejam construídas. Uma reportagem é feita através de relatos e acontecimentos, está inserida e observa o hábito dos lugares para de lá extrair o que interessará reportar. Seja um furo jornalístico, algo que rompa com a normalidade de um espaço, ou então algum exemplo de reportagem que sirva de base para uma tese a se elucidar. A busca pela notícia inusitada ou bombástica acontece na análise da rotina, isso é, no que de mais inusitado acontece dentro do banal, aquilo que irá gerar um estranhamento ou uma quebra no hábito do lugar e gerar reflexão da normalidade enquanto processo, como uma construção.

Para Michel de Certeau¹⁰, o cotidiano é construído através de relatos e demarcações. Assim como afirma o autor, caminhar é “ter falta de lugar”, o caminho

⁹(*) Esta pesquisa nasce de um projeto de âmbito mais amplo intitulado “Narrativas de resistência e o discurso jornalístico: A necessária reinvenção do passado”. Desenvolvido pelo professor/doutor Fernando Resende no PPGCOM da PUC-RIO.

¹⁰ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis, Vozes, 1994: 214.



da rotina é uma construção que depende de vários elementos como o acaso. Os caminhos traçados não se tratam de um *mapa profecia*, mas de um *percurso construção*, algo que só existe no momento em que se edifica. Na verdade o jornal poderia muito bem ser chamado de grafite do cotidiano. É através de relatos que ele vai se construindo, dialogando com o banal e com a memória da cidade, criando e destruindo fronteiras. Se para Certeau os trajetos funcionam como narrativas que geram o processo de alteridade, queremos pensar a narrativa jornalística como processo de criação e de construção de um urbano complexo. Desse modo é interessante relacionar esse *percurso construção* de Certeau com as narrativas de jornal da primeira metade do século XX que, aparentemente não se propõe a profetizar o fato, mas a construir um cotidiano na medida em que acontece.

No Brasil, assim como escreve Nelson Werneck Sodré¹¹, a imprensa criada em 1808, sofre forte censura da coroa portuguesa. Naquela época era outro o fazer jornalístico e a problemática da opinião pública ainda não se colocava em questão, não se podendo dizer que nessa época se fazia jornalismo e nem que havia uma opinião pública. Como exemplo desse momento, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, primeiro jornal da Coroa, era um jornal meramente informativo e falava muito mais da Europa do que da cidade do Rio de Janeiro. Nessa época o *Correio Braziliense*, publicado em Londres por um refugiado político chamado Hipólito da Costa, começou a circular por aqui. O jornal, que mais parecia um livro, pois possuía cerca de cem páginas com capa dura aveludada, não possuía notícias em seu conteúdo, mas opiniões, análises políticas e tratados filosóficos, era extremamente político e lutava por uma monarquia parlamentar.

De 1808 até 1850, o jornal brasileiro vive sua fase artesanal., só na fase de 1880 até os anos 1920, 1930, é que ocorre um período de fixação dos jornais brasileiros, em que se começa a contar o cotidiano, com o aparecimento de jornais mais opinativos, polêmicas, polícia, assassinato, roubo e banal). De 1930 até 1950, os jornais sofrem, assim como o país, um processo de industrialização, quando entra no Brasil o mito norte americano da objetividade.

Assim, como explica Clóvis Rossi¹², o padrão da objetividade, da maneira como foi absorvida no Brasil, exige do jornalista um papel conservador e

¹¹ SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999: 29

¹² ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000: 11.



legitimador, alguém que se coloca neutro e acredita em dogmas. Para esse fim, ele não apresenta outras culturas, ou então apresenta mas não comenta, é neutro, objetivo, mesmo ouvindo os outros, legitimando a ordem vigente, ele condena os desvios do normal, aquilo que cabe em um enquadramento familiar de continuidade. Como o jornal é filho da modernidade e de certos preceitos iluministas como razão, linearidade, clareza, objetividade, o jornal moderno irá representar tais interesses. Os jornais modernos legitimam valores como virtude, neutralidade e equilíbrio, o intuito é criar um texto limpo, direto, enxuto e imparcial.

A passagem acelerada e forçada de um modelo artesanal para o industrial -de acordo com Muniz Sodré (1999), o Brasil mal tem tempo de experimentar sua fase comercial-, e faz com o que o jornalismo no Brasil sofra uma defasagem em relação ao resto do mundo. Atrás inclusive de países como o Peru, por exemplo, o Brasil foi um dos últimos países latino americanos a produzir uma imprensa própria. O que a Europa experimenta em mais de um século, o Brasil vive em meio. Teria que se viver na imprensa o lema moderno “cinquenta anos em cinco” de Juscelino Kubitschek. No Brasil, com o recuo do analfabetismo e início de um processo de urbanização, somente em torno de 1930, com um atraso de praticamente 130 anos, começa a ser criada uma real opinião pública brasileira.

Apesar da defasagem em comparação com a imprensa estrangeira, no período que vai dos anos 20 aos 50, os jornais brasileiros passam por um processo interessantíssimo. A partir de uma associação com a literatura, surge um jornalismo mais rebuscado, em que as narrativas policiais eram mais elaboradas. Um jornalismo, ao que parece, conectado ao cotidiano das cidades. É este um período em que muitas das narrativas de reportagens eram escritas como novelas, ou através de um excesso de adjetivações, narrativas em primeira pessoa e exposição de mistérios, textos ricos que dialogam com a cultura oral do espaço urbano.

Nessa fase, a imprensa ainda era vista pelos escritores como uma possibilidade de visibilidade, já que muitos jornais, como os folhetins, publicavam capítulos de romances como se fossem uma novela. Havia uma popularização da literatura e uma ausência de uma técnica jornalística instituída que permitia aos escritores escreverem livremente nesses jornais. Há ainda hoje, reflexos daquela época?

Tempo cronológico-



No tempo contemporâneo, o cotidiano racionalizado sofre vários baques com a quebra de linearidade do tempo cronológico, um tempo atual em que as fragmentações se tornam freqüentes e valores modernos são questionados. Nessa quebra de cronologia, o banal, potência de instantes, ganha importância de análise, assim como defende Michel Maffesoli¹³:

O tempo linear, o do cômputo moderno, o tempo mecânico da produção industrial e do relógio de ponto, o tempo dramático, homogêneo e vazio, dá lugar à descontinuidade dos instantes vividos, da duração. Só importa os tempos fortes ou momentos ordinários do cotidiano. Poderíamos dizer que só o banal faz acontecer.

Com o conflito atual de certos valores modernos como humanismo, razão, progresso, também entram em crise os metas-relatos e toda uma moral antes constitutiva das narrativas de jornal. Atualmente, ocorre mais constantemente o desprestígio de uma verdade absoluta. A crise da história cronológica gera uma *ficcionalização* dos fatos, além de uma *presentificação*, em que o passado é visto como manipulação e o futuro como virtual. Velocidade, com o uso descartável do tempo e sua banalização. Uma era cada vez mais pragmática e menos ideológica da racionalidade funcional das máquinas. Por mais irônico e paradoxal que pareça, uma era muito mais fragmentada e pulsante (Marcondes Filho, 1993)¹⁴. Nessa conjuntura, a cidade se reconfigura, o espaço público é alargado, a própria cidade se torna um grande meio de comunicação, com seus outdoors e afins.

Acontece uma supressão dos textos jornalísticos, abordagens superficiais e quebra da linearidade discursiva. O “dizer simples” passa a ser o código lingüístico das redações, cada vez mais preocupadas em uma imprensa minimalista. Enquanto as cidades passam por um processo que leva a sua diversidade, os textos jornalísticos são suprimidos. O progresso técnico parece levar ao espaço urbano uma pluralidade de símbolos de mídia, publicidade e outros. Já as narrativas jornalísticas são reduzidas com o avanço da tecnologia e passam a responder a um padrão de velocidade e concisão, reduzindo sua carga lúdica.

¹³ MAFFESOLLI, Michel. *O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003: 60.

¹⁴ MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo fin de siècle*. São Paulo: Scritta, 1993.



Tendo todo o conteúdo da notícia contido apenas nas chamadas da matéria, o jornalista também tem a sua função modificada, passando a ser mais técnico do que especialista, valoriza-se assim um profissional mediano que sabe redigir a notícia, fazer uma matéria com velocidade e eficiência, utilizando-se do mito da objetividade. Nesse sentido, ao se pensar que está sendo objetivo respondendo às cinco perguntas, ele toma a posição também favorável, esquecendo-se que existem outras maneiras de se ser objetivo e direto, como por exemplo, até através de um texto subjetivo com resquícios literários.

Ser subjetivo sem ser sensacionalista é um caminho que também deve ser percorrido para se atingir um jornalismo complexo, simples e polifônico. Um jornal rico em narrativas que dialogue mais com as grandes cidades em que está inserido, que traga análises históricas, estabelecendo um constante diálogo constante com o traçado urbano.

A recuperação histórica que pretende essa pesquisa vai ao encontro da visão de que pensar espaço urbano e narrativas da mídia, implica pensar o jornalista como um estrangeiro, como um *flâneur* dentro de sua própria cidade. *Flanando* pelas narrativas e pelas ruas da cidade ele pode ser visto como um detetive do espaço urbano, alguém sempre atento às suas narrativas.

Referências bibliográficas

Bibliografia:

- 1) BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar- A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras: 1986.
- 2) CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica*. São Paulo: Studio Nobel:1993.
- 3) CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes: 1994
- 4) GOMES, Renato Cordeiro. *Comunicação, representações e práticas sociais/ Pereira & Gomes & Follan (orgs)- Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Idéias & Letras, 2004.*
- 5) MAFFESOLLI, Michel. *O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk: 2003.
- 6) MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- 7) MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo fin de siècle*. São Paulo: Scritta, 1993.



- 8) RESENDE, Fernando. *O olhar às avessas- a lógica do texto jornalístico*. São Paulo: ECA/USP, 2002.
- 9) RESENDE, Fernando. *Cidade, Comunicação e cultura*. Rio de Janeiro, Revista Logos (número 22), 2005.
- 10) ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2000.
- 11) SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.